PIONEIRISMO DO CEARÁ NA IMPRENSA

J. C. Alencar Araripe

O Ceará foi das primeiras províncias a conhecerem a imprensa. Antecipou-se a Goiás, Santa Catarina, Espírito Santo, Sergipe, Paraná, Amazonas, Rio Grande do Norte e Alagoas. O Ceará antecipou-se até mesmo às Províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, onde as primeiras folhas impressas são de 1827, como testemunha o escritor Nelson Werneck Sodré, em **História da Imprensa no Brasil**.

Leia-se "A Imprensa do Ceará na Monarquia", de Democrito Rocha, e "A Imprensa do Ceará na República", de Geraldo da Silva Nobre, ambos estampados em **O Ceará**, 2a. e 3a. edições, respectivamente, e a conclusão a que chegará, quem assim o fizer, é a de que dificilmente outra unidade apresenta, como a nossa, estabelecidas as devidas proporções, uma igual florescência no tocante à publicação de periódicos.

É a fatalidade da proliferação de jornais, que não se evidenciou apenas entre nós, porque é nacional, e que continuou até hoje, como acentua Juarez Brasil, no seu livro **Jornal, História e Técnica**. Com desvantagens que em outros países não se fizeram sentir e que concorreram para que o Brasil tenha uma "imprensa maior que a capacidade aquisitiva do mercado de leitores".

Até parece que se pretendeu, com a quantidade, compensar o longo período de três séculos em que a metrópole portuguesa, e o domínio holandês nos privaram dos benefícios da invenção de Gutenberg, colocando-nos, com relação ao uso do prelo, em posição de inferioridade no confronto com outras nações da América.

"O Diário do Governo do Ceará", foi o primeiro jornal impresso em Fortaleza, a 1o. de Abril de 1824, durante a Revolução do Equador, tendo como Diretor o poeta Mororó. Desse ano até fins de 1839, mais 15. Na década de 1840 a 1849, apareceram 23; de 1850 a 1859, 21; de 1860 a 1869, na-

da menos de 116, número que se repetiu no decênio seguinte; de 1880 a 1889, a safra foi maior ainda: nada menos de 175. Na República, continuou o surto publicitário, registrando-se um certo declínio a partir de 1920.

A grande maioria dos periódicos teve vida efêmera. Alguns não foram além do primeiro número. Seja como for, atestavam uma poderosa elaboração mental, que se manifestava por esse meio e através de pujantes sociedades literárias.

Entre os jornais que não passaram do primeiro número, merece ser destacado o **Barreto Phrygio**, de Júlio Cesar da Fonseca, editado em Aracati. Jornalzinho republicano extremamente agressivo, até na cor em que foi impresso – o vermelho – estampou o hino revolucionário, que tinha por estribilho: "Quebre-se o cetro do rei/rasgue-se o manto real". A polícia apreendeu-o e não voltou a circular.

"Foi a política que gerou o jornalismo cearense", diz Demócrito Rocha, que lembra, em apoio da sua tese, a observação de Antonio Sales de que as gazetas do Ceará "eram meros instrumentos do ferrenho partidarismo reinante".

Nelson Werneck Sodré, na obra já citada, frisa que, no Brasil do começo do século, a política era a matéria principal dos jornais. A luta assumia "aspectos pessoais terríveis", que desembocavam "quase sempre, na injúria mais vulgar". E acentua:

"No Ceará, por exemplo, sob domínio da oligarquia Acioli, o jornal do governo, **A República**, agredia os elementos da oposição, enquanto, no **Unitário** de João Brígido, que combatia o governo local, tudo se marcava pelo espírito mordaz. Juvenal Galeno era já relíquia histórica da poesia popular. Rodolfo Teófilo encarnava um novo Vicente de Paulo. Na oposição, o **Jornal do Ceará** não tinha medida nas suas incandescentes apóstrofes. "O tipo de linguagem pode ser aferido por dois exemplos, retirados do **Unitário**, em que João Brígido se notabilizaria: notícia de banquete a deputado governista que partia para o sul era redigida assim: "À sobremesa, em nome dos presentes, saudou-o o sr. beltrano. Em seguida, fulano ergueu-se nas patas trazeiras, murchou as orelhas e pronunciou um discurso, curto mas ruim", notícia de falecimento: "Faleceu ontem, o venerado desembargador C., filho legítimo do honrado vigário de São Mateus".

As disputas acirradas, na área política, eram um fermento de malquerença e ódio. As divergências não se circunscreviam ao plano das idéias e princípios, nem se fixavam na concorrência leal, que é um elemento de estímulo e progresso. Salvo exceções, encaminhavam-se sempre para o terreno pessoal. As publicações que não pertenciam a agrupamentos partidários eram quase sempre, porta-vozes de sociedades literárias.

Ao ocupar-me de jornais antigos, logo me acode à lembrança uma das coleções mais originais já formada entre nós – a coleção de José Oswaldo de Araújo, reunindo os primeiros números de jornais.

Ao ingressar no Instituto do Ceará, coube-me fazer o elogio de José Oswaldo de Araújo, pois a ele substituí nesta casa de estudos históricos, geográficos e antropológicos. E, como não podia deixar de ser, ocupei-me da obra maior do querido consócio desaparecido.

José Oswaldo de Araújo ganhou expressão nacional com a coleção de periódicos que organizou e que se constituiu, depois da família e do Ipu, na sua grande obsessão. Uma preciosidade histórica, de cuja importância nem sempre nos apercebemos.

Começou-a em 1910, quando tinha 16 anos, e conservou-a até o último alento. "Como quase todo adolescente" – disse ele – "gostava de colecionar cousas e deu-me na telha coligir jornais. Coincidentemente, ao iniciar a minha pacífica mania, encontrei entre os jornais de meu pai três exemplares de primeiras edições. Eis a gênese do meu hobby".

A coleção representou para José Oswaldo de Araújo motivo de encantamento espiritual. São suas estas palavras: "A concretização e continuidade deste propósito, inspirado num idealismo de finalidade meramente histórica e cultural, me tem trazido fortes compensações expressas, sobretudo, por novas e honrosas amizades. São colaboradores espontâneos e generosos, inclusive pessoas desconhecidas, que dos mais longínquos pontos do País enviam exemplares preciosos para o enriquecimento da minha coleção de primeiro número de jornais e revistas do Brasil. São gestos de franca solidariedade humana, que me trazem a confortadora certeza de que nem tudo está perdido nesta época de ostensivo utilitarismo".

Uma circunstância, que valoriza a coleção, é que o primeiro número de um periódico, seja de cunho literário, religioso ou político, ostenta a orientação do órgão, desfraldada a bandeira que se propõe a defender, expõe objetivos e traça diretrizes a seguir. Espelha um momento de definição, é um grande ou mini-retrato de uma época, com sua problemática, seus anseios, suas frustrações. É um campo apetitoso para a pesquisa, a investigação e a análise sociológica.

O início foi modesto, nem haveria de ser o contrário. Três exemplares apenas, como registra José Oswaldo de Araújo. O colecionador, seja do que for, tem de forrar-se de qualidades sem as quais o insucesso é inevitável. Deve saber esperar, não pode desanimar diante dos fracassos episódicos.

Paciência e constância não faltaram ao saudável maníaco do Ipu. Amigos incumbiam-se de divulgar a iniciativa; depois, veio a alvorada da publicidade. Se as ofertas eram parcas, passaram a ser abundantes. Ao morrer,

em 1975, a sua coleção tinha 7.250 primeiros números. E todo o seu trabalho sistematizado, um modelo de organização que compreende pastas de referência e catálogos, distribuídos por estantes e fichários de aço.

Que coleção de atraentes curiosidades! Lá estão o **Diário do Governo do Ceará**, de 1o. de abril de 1824, o primeiro jornal deste Estado, que conheceu imprensa antes de São Paulo, Rio Grande do Sul e várias outras Províncias diário que circulava duas vezes por semana, as quartas-feiras e aos sábados; **O Pão**, de 10 de julho de 1892, o primeiro jornal literário do Ceará, órgão da Padaria Espiritual; **Jogo dos Bichos** de 5 de setembro de 1897, com instruções e propaganda sobre o jogo-do-bicho; **Maracajá**, de Fortaleza, de 7 de abril de 1929, folha modernista, dirigida por Antônio Garrido, pseudônimo de Paulo Sarasate, e Mário de Andrade; **Jornal de Princesa**, de 21 de junho de 1930, órgão oficial de Território de Princesa, Governo de José Pereira; **Jornal das Trincheiras**, de São Paulo, de 19 de agosto de 1932, porta-voz da Revolução Constitucionalista; **A Liberdade**, de Natal, com data de 27 de novembro de 1935, órgão oficial do Governo Comunista instalado no Rio Grande do Norte e que teve a duração de três dias; **O Jornal** de Campos Sales, de 21 de agosto de 1949, e **O Diamante**, de Milagres, de 19 de novembro de 1949, ambos escritos a mão, e, com tão boa diagramação, que provocariam inveja a muitos periódicos de hoje. Jornal sem título, jornal com erro de revisão até no título, jornais estrangeiros impressos no Brasil, últimos números de jornais.

Coleção, como esta, haveria sempre de despertar inusitado interesse. Todas as vezes em que José Oswaldo de Araújo preparou exposições, para exibição dos exemplares mais raros, não lhes faltou público, muito mênos escassearam expressões de louvor e estímulo ao seu labor e pertinácia.

São considerações, como as que acima foram alinhadas, que me ocorreram formular, quando falo em exposição de jornais antigos e obras raras, organizada, com propriedade, pelo nosso querido e benemérito Instituto do Ceará.

Muito obrigado.